



Ministério da Saúde  
FIOCRUZ  
Fundação Oswaldo Cruz



Casa de  
Oswaldo Cruz

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ  
CASA DE OSWALDO CRUZ**

***BENEDITO SALDANHA***  
**(Entrevista)**

## **Ficha Técnica**

Projeto de pesquisa – História da criação da Faculdade de Medicina Souza Marques

Entrevistado – Benedito Saldanha (BS)

Entrevistadora – Dilene Raimundo do Nascimento (DN)

Data – 14/04/2006

Local – Cuiabá, MT

Duração – 1h03min

Transcrição – Suely Lamarão

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

SALDANHA, Benedito. *Benedito Saldanha. Entrevista de história oral concedida ao projeto História da criação da Faculdade de Medicina Souza Marques*, 2006. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 27p.

Data: 14/04/2006

### Fita 1 - Lado A

DN – Vamos dar início à entrevista com o dr. Benedito Saldanha Filho pra o projeto “História da criação da Escola de Medicina, da Souza Marques”. Hoje são 14 de abril de 2006. Estamos em Cuiabá. A entrevistadora é Dilene Raimundo do Nascimento. Dr. Benedito, eu gostaria que você falasse sobre a sua infância, onde nasceu, a sua família, o que os seus pais faziam... Isso mesmo, desde o começo mesmo.

BS – Bom, olha, a minha infância foi no bairro do Porto, aqui em Cuiabá, na rua Coronel Benedito Leite, onde eu morava com meus pais: Benedito Saldanha e a Dona Maria Rosa Damasceno Saldanha. A minha infância foi feita, meu estudo foi feito no Colégio Senador Azeredo, aqui no Porto mesmo, depois eu fui para o Colégio Barão de (*Melgaço?*). Mas fui criado, praticamente, brincadeiras de roda, de rua... A gente brincava com as outras pessoas, os outros vizinhos...

DN – Os amigos eram amigos da rua, né?

BS – ...a gente jogava bola na rua, entendeu? Era na rua, não tinha asfalto naquela época, a minha rua. E meu pai era um simples comerciante, né? Então minha mãe não trabalhava fora...

DN – Ele era comerciava o quê?

BS – Ele era um simples, era um boteco, era uma venda, né? Vendia farinha... Antigamente vendia farinha de litro, açúcar de quilo, entendeu? E...

DN – Farinha de litro? Como? Como é farinha de litro?

BS – Pegava um litro, né? Pegava, enfiava no saco, porque eram sacos, né, grandes, né? Você tirava um litro de farinha, podia vender também por quilo, um quilo de farinha... Então você pegava do saco, que eram uns sacos grandes, né, de sessenta quilos, né? E aquilo você pegava, vendia banana, mandioca, né, essas coisas... Cachaça, né? O pessoal bebia muito, né, aperitivo de cachaça nas vendas. Era uma venda, né, uma vendinha pequena, né? Eu sou o filho caçula, né?...

DN – A sua mãe fazia o quê?

BS – Minha mãe trabalhava só em casa mesmo. Fazia almoço e tal, ajudava na venda, né, uma vendinha pequena...

DN – Quantos irmãos você tinha?

BS – Eu tive meu irmão mais velho que foi o (*Oto?*), é o Oto (*Onofre?*) Saldanha, o segundo é o José (*Bilac?*) Saldanha e a terceira é a Vera Rosalina Saldanha que é professora hoje. O meu irmão, o José Bilac, é veterinário, trabalha em Viracopos, está quase, eu acho, que aposentando... Se formou pela Federal lá do Rio de Janeiro, no ano de 47 em Veterinária. E o Oto era eletricista, né? Trabalhou no Rio muito tempo na

construção, com aquelas construções daquelas empresas que construía edifícios. Depois ele veio pra cá. Ultimamente ele está aqui. Minha irmã nunca saiu de Cuiabá, sempre foi professora. Hoje está aposentada. E eu quando cheguei, servi o Exército...

DN – Seus pais eram daqui também?

BS – Meus pais eram daqui. Meus pais eram daqui. Minha mãe era de Barão Melgaço, a família de Barão de Melgaço e meu pai era daqui de Cuiabá, né? E então eu fui para o Rio de Janeiro em... mais ou menos quando foi o aniversário do Rio de Janeiro, fazendo 400 anos. Foi em 65. 1965.

DN – Você foi pra o Rio por quê?

BS – Ainda era Rodoviária na Praça Mauá.

DN – Você foi pra o Rio por quê?

BS – Eu fui assim... porque o meu irmão Oto, o mais velho estava lá, o meu outro irmão estava estudando no Quilômetro 47, e por uma outra coisa qualquer aqui em Cuiabá, né, eu fui embora para o Rio de Janeiro pra estudar. Tinha terminado só o Ginásio. Foi só com o Ginásio.

DN – Aqui não tinha o Científico?

BS – Aqui tinha o Científico, mas eu preferi ir pra o Rio de Janeiro, né, pra ficar com o meu irmão e tal... Então, por um acidente de percurso aqui e tal, de namoro, um envolvimento, essas coisas assim... Havia amizades, quer dizer, não ia dar certo mesmo. A gente quando tem essas coisas, a gente tem de mudar. Hoje em dia a gente precisa...

DN – Você foi lá pra esquecer.

BS – Pra esquecer um pouco e pra mudança, né? Porque é o seguinte, toda a vez que você tem, está se dando bem num lugar, você tem que fazer mudanças. Tem que fazer mudança de vida, fazer uma série de mudanças, né? Mudança de ambiente... até na sua casa às vezes você troca os móveis, põe pra cá, põe pra lá... pra fazer mudança, porque você tem que mudar. Então eu tive uma sorte que surgiu isso e meu pai falou: “Você não quer ir pra o Rio de Janeiro, ficar lá com o seu irmão Oto que já trabalha lá...?” Ele trabalhava como eletricitista, morava na rua Santo Amaro numa pequena vaga... Eu falei: “Não, eu quero então!” Aí eu só sei que eu peguei um ônibus naquela época, era três, quatro dias de ônibus até o Rio de Janeiro. Era muito longe mesmo! E a estrada, era sofrida a viagem... Acho que não, eram quatro ou cinco dias! Porque a estrada não era asfaltada e às vezes tinha muito atoleiro e tal. Eu só lembro que o ônibus atolou, era um ônibus novo do (*Atras?*), naquela época, que era uma empresa nova, né, depois é que surgiram essas outras, Andorinha e tal... Mas com muita dificuldade cheguei, né, de ônibus na Praça Mauá. Com a mala na mão, nem sabia pra aonde ia. E a orientação minha é que tinha que pegar outro ônibus pra o Quilômetro 47, pra ir atrás do meu irmão que estudava lá. Aí peguei, consegui, fui me informando... aonde pega o ônibus pra o Quilômetro 47, aí eu comprei a passagem, fui pra o Quilômetro 47. Chegando 8, 9 horas da noite...

DN – Você tinha o quê? 15 anos?

BS – Não! Eu tinha já 18! 18 pra 19 anos. E eu servi o Exército...

DN – Você ainda ia fazer o... o 2º Grau, o Científico.

BS – O Científico, o Científico. Eu só tinha o Ginásio. Eu só tinha terminado o Ginásio.

DN – Você repetiu ano ou era mau aluno...?

BS – Olha, eu nunca fui assim bom aluno, né? De nota 10 e tal. Também mau aluno não, né? Mas tinha dificuldades porque a pessoa pobre naquela época tinha dificuldade, né? Porque as professoras não trabalhavam o aluno como é hoje, né? se o aluno fez, fez, não fez... zero, bomba. Não, repete o ano. Então qualquer coisinha as professoras repetiam o ano. Hoje em dia, hoje em dia tem muita diferença no ensino. As professoras antigamente trabalhavam, né, a classe, dava o conteúdo, jogava, aquele que foi bem, foi, aquele que não foi, ficava pra o outro ano. Repetia os anos, né? Então eu me lembro que, eu acho, que eu repeti o 3º ano primário... Aí eu acho que eu repeti a 1ª série, 2ª série... uma coisa assim... Entendeu? Mas aí depois, que eu fui pra o Rio de Janeiro... Porque aqui, a amizade e tal, saía muito, ajudava muito o pai, trabalhava, né? Porque eu ajudava meu pai na venda, ia comprar café pra meu pai vender, ia comprar isso, ia no porto, entendeu, uma série de coisas. Aí eu servi o Exército aqui em Cuiabá quando cheguei aos 18 anos, fiz 18 anos. Servi o Exército (??) no Batalhão de Caçadores... Aí depois que eu dei baixa é que... entendeu, aí meu pai ofereceu: “Ó, você não quer ir pra o Rio? Vai pra o Rio e tal, o seu irmão vai te ajudar a estudar.” Foi uma boa porque eu saí...

DN – Seu irmão sustentaria você?

BS – É. Não, mas aí ele mandaria uma pequena mesada. O que corresponderia a um salário mínimo, tá? E o meu irmão me ajudou também ficando na vaga lá... E eu comecei fazendo aquele Artigo 91 ou 99...

DN – Mas você chegou na Rodoviária, foi pra o Quilômetro 47...

BS – Isso.

DN – ...seu irmão estudava...

BS – Isso! Aí estava chovendo, eu cheguei já 9 horas, 10 horas lá no Quilômetro 47, chego lá não encontro o meu irmão.

DN – 9, 10 horas da noite.

BS – Da noite! O ônibus chegou à tarde, entendeu? Dali ao quilômetro 47 era uma e meia, duas horas de ônibus. O ônibus que ia pra Mangaratiba. Eu só sei que chegando lá, aí eu falando com os estudantes lá: “Eu sou irmão do José Bilac e tal... vim de Cuiabá...” “Não, você fique na cama dele! Você dorme aí! Você vai almoçar ali. Você passa na roleta, faz de conta que você é estudante aqui. Se alguém perguntar você fala ‘Não, sou estudante. Passei agora no Vestibular’”. Porque não tinha carteirinha ainda. Então esse colega que era do meu irmão de quarto, falou: “Não, você fica aí”. Aí eu fiquei aquela noite lá. E no outro dia então eu falei: “Não, eu vou pra o Rio porque era – eu acho que era sexta ou

sábado, não sei – “Só sei que o seu irmão está de férias. Ele foi pra o Rio, pode ser que não volte, né?” Ele ia lá pra o Rio às vezes, semana, mês... Aí eu fui para o Rio de Janeiro procurar o meu irmão. Tinha o endereço de uma tia minha e tal. Fui, aí procurei o outro mais velho... Também já cheguei no Rio de Janeiro de novo com chuva, de tarde pra de noite, com fome... Só sei que entrei num bar dali na rua Santo Amaro, no começo da rua Santo Amaro, ali perto do Catete mesmo, perto da rua do Catete ali... Só sei que tomei um prato de sopa ali, rapei o prato de sopa, comi todo o pão que o homem deixou, entendeu? E aí eu fui lá e o meu irmão não estava, o outro meu irmão não estava.

DN – Isso com a mala na mão.

BS – Com a mala na mão... Não, aí eu até deixei lá no Quilômetro. Eu não podia carregar a mala mais, entendeu? Então eu fui só com a roupa do corpo. O cara falou: “Não, deixa a mala aí. Você vai ficar andando com uma mala no Rio de Janeiro, não vai conseguir entrar no ônibus, pegar ônibus...” Só sei que chego lá, o outro meu irmão não estava também. Aí a dona falou: “Ih, eu acho que fulano de tal, sabe, ele tem uma namorada aqui na rua do Catete e tal, vai até lá.” Aí eu fui lá, me informaram, e perguntando e tal, ‘Tim’, a campainha e tal... “Eu tô procurando o Oto Onofre Saldanha, ‘tatatá’...” “Não, ele não tá no momento, mas ele foi não sei aonde e tal, ele vai voltar a tal hora.” Eu só sei que eu aguardei. Aí essa senhora onde o meu irmão morava, lá na Rua do Catete, numa vaga, falou: “Não, você dorme aqui nessa outra cama ao lado, dorme na cama dele, que ele vai aparecer de hoje pra amanhã”. Aí eu fui...

DN – Vocês não se comunicaram com ele pra avisar que você ia chegar?

BS – Não, porque era muito difícil, a gente era meio boboca, né? Na época não tinha esse negócio de telefone, nada, entendeu...

DN – Não tinha computador, Internet...

BS – ...não tinha Internet ou outra... Seria até telefone, né, ou carta, né, você escrever antes. Então tudo isso... E a gente, o cuiabano naquela época, por exemplo: “Vai em tal cidade e procura Francisco”. Aí ele vai lá, sem o endereço, (*ri*) chega lá: “Onde é a casa do Francisco?” “Ah, eu não sei!” Vai na outra... Então, antigamente era assim, entendeu? Hoje tem gente que faz assim, mas as pessoas humildes falam assim: “Vai comprar um negócio lá na rua não sei o quê...” Ele vai lá! Vai ficar procurando até encontrar o material, entendeu? Então as pessoas simples assim, que não, né, não tem aquela... Já é diferente das outras pessoas que têm uma certa cultura que chega “Não, vou telefonar antes e tal. Ó, você me espera aí e tal.” É diferente, né? Então foi toda essa dificuldade pra encontrar o meu irmão. Aí quando eu cheguei, quando o meu irmão chegou lá e que ficou sabendo, a outra namorada dele falou que eu estava, ele foi lá, aí eu falei: “Não, tô te esperando. Dormi, ontem à noite dormi com a roupa que estava ensopada, né?” Dormi assim mesmo, né? Deitei na cama dele, entendeu? E aí no outro dia acordei, ele apareceu. Aí ele falou: “Não, agora você fica aqui na minha vaga. Eu vou ficar lá, dormindo lá no outro lugar. Vou falar com a senhora aí que eu pago aqui a mensalidade e você fica aí. Vamos buscar a sua... Vou falar com o Bilac – o outro meu irmão – pra trazer sua mala e tal, você fica por aqui.” Eu só sei que... “Aí você vai, estuda...” Porque ele conhecia, ele almoçava no Calabouço, apesar de, ele era trabalhador, né? Mas ele fazia, às vezes, (*vínculo?*) assim de estudante, né? E ele estudava também à noite. Então eu só sei que ele falou: “Não, você vai almoçar no Calabouço”. Aí me levou pra o Calabouço. Então eu comecei a

almoçar e jantar no Calabouço, a entrar em contato com os estudantes... Tinha um curso no Calabouço de Artigo 99, eu comecei a fazer ali...

DN – Porque aí adiantava o Científico.

BS – Isso! Adiantava naquela época o... você fazia em um ano, né? Você fazia o Científico todo, né? Eram as matérias. Você... eram tantas matérias, você ia se preparando naquelas matérias e ia fazendo as provas. À medida que você fazia as provas, você... estava feito, você não repetia, né? Então foi assim. Foi e tal, aí fui pra biblioteca durante o dia e à noite no curso do Calabouço. O curso era à noite.

DN – Ah, o curso era no Calabouço mesmo.

BS – Era, à noite. Era ao lado do Calabouço, era numa sala lá. E é tudo assim feito por estudantes, ali pra estudantes, estudantes de fora. E naquela época o Rio de Janeiro tinha essa coisa porque muitos estados não tinham faculdades, né? De Engenharia, de Medicina e até outros cursos. O que acontecia? O Rio de Janeiro, São Paulo, e principalmente o Rio de Janeiro era o foco dos estudantes de fora, né? Em 1964, 65... então era, tinha isso aí. Aí, conclusão: aí comecei a fazer, comecei a fazer a prova no Souza Aguiar. E não é que daí a um ano, praticamente, eu matei todas as matérias, em um ano praticamente eu tirei. Em 65 eu cheguei...

DN – Mas peraí, eu não entendi. Você começou a fazer a prova no Souza Aguiar?

BS – Não, no Colégio Souza Aguiar. Tem um colégio...

DN – Ah! Colégio Souza Aguiar. Ah, tá.

BS – É. Fica ali perto, na Rua dos Inválidos, ali perto do IML... Não sei se fica ali ainda. É Rua dos Inválidos? É, acho que ainda é Rua dos Inválidos. Então era o Colégio Souza Aguiar ali. Eu só sei que em um ano e meio praticamente, eu terminei. E aquilo ali equivaleria ao curso, dependendo das matérias, equivaleria ao curso Científico e, dependendo das matérias que você, pelo número das matérias, equivaleria a um outro curso que eu não me recordo na época. Quase equivalente ao Científico.

DN – Curso técnico.

BS – É, como um curso técnico, mais ou menos eu acho que isso aí, sabe? Eu só sei que eu escolhi logo Português, Inglês... né? Matemática eu não queria, né? Biologia, essas coisas assim. Fiz Sociologia, estudei muito Sociologia, lia muito sobre Sociologia... Literatura, né, ia pra biblioteca, ia conhecer, entendeu? Então...

DN – Qual a biblioteca que você ia? (??)

BS – Eu ia na do Ministério do Trabalho ali, a Nacional... Então eu ficava o dia inteiro. Eu só saía pra almoçar no Calabouço, aí voltava pra biblioteca.

DN – Então o seu contato com os estudantes era intenso.

BS – Era intenso! E naquela época que começou, no Calabouço começou, as repercussões em 65, 66, começaram aquelas passeatas, né? Que o José Dirceu comandava lá, seu José Dirceu...

DN – Começou o Movimento Estudantil.

BS – ...o Movimento... Começou o Movimento Estudantil. O pessoal, a Filosofia ficava ali perto da onde era o Calabouço, que hoje agora é Praça, é Viaduto dos Estudantes. Bem em frente ao Aeroporto Santos Dumont. Aquele viaduto chamava-se em homenagem. porque era o antigo Calabouço, que os estudantes de fora ficavam ali. Então a gente começou, entendeu? E em 66, 67 foi aquela onda toda, passeatas e tal. O que marcava muito era ver aquilo, porque eu como gente assim...

DN – O senhor participava ou ficava de observador.

BS – Não, eu sempre participava assim, sempre lá no fundo, né? Porque eu era meio boboca, né? Então eu não podia ir lá na frente, né? Então eu sempre acompanhava a passeata dos estudantes que os colegas levavam “Não, vamos e tal”. Mas o que eu estava observando, que me chocou muito uma vez, foi que tinha uma máquina – não sei se era um trator – uma máquina que estava fazendo obras ali ao lado do Calabouço, e os estudantes...

DN – Fazendo aterro.

BS – É, fazendo aterro. E os estudantes chegaram assim e falaram: “Não, nós vamos quebrar a máquina...!” E começaram a quebrar a máquina, depredar. Então aquilo me chocou muito porque aquilo era um patrimônio, já reconhecia que era um patrimônio, que não podia quebrar a máquina, entendeu? Por que quebrar a máquina?! Né? Então, mas era... era combatendo os subversivos e ao mesmo tempo os estudantes estavam fazendo um serviço de subversão, entendeu? Então fazia muito serviço subversivo. Por exemplo: ia a um banco, assaltar um banco, isso é... eu sou totalmente contra! E os estudantes naquela época, um tentava manipular o outro, fazer a cabeça do outro, né, que era pra tomar... quer dizer, tomar o quê? Tomar o poder, para assumir o poder. Isso é totalmente errado, isso não pode ser feito! E já existe o poder e a pessoa tem que galgar politicamente, né, da melhor maneira possível, da melhor honestidade possível, entendeu? Então eu tive sempre isso na minha mente. Aí eu só sei que...

DN – Mas aí essa compreensão sua fez com que você acompanhasse menos esse Movimento Estudantil?

BS – Sim, sim. Porque aí eu já comecei fazendo. Porque terminando o Artigo 99, eu comecei a fazer o cursinho, né, o Curso Galotti. Né?

DN – Galotti.

BS – Galotti. Na rua Álvaro Alvin. Era o curso mais barato que tinha, né?

DN – Você pagava, não tinha...



BS – Não, eu tinha bolsa lá, o Galotti me concedia. O Galotti, ele fazia muita bolsa pra o pessoal de Mato Grosso, vinha muita gente de Mato Grosso. Então vinham aquelas pessoas pobres e tal, (?) que ficassem... eu fui numa delegacia, peguei atestado de pobreza, levei, então eu pagava o mínimo lá. Eu freqüentei o Galotti na Rua Álvaro Alvin. E depois de um ano eu fiz vestibular, não passei. Aí comecei a estudar mais na biblioteca, ia de vez em quando assistir uma aula ou outra, né? Não pagava nada, o Galotti falou: “Não, você em aqui se quiser e tal...” Aí eu comecei a estudar mais sozinho, entendeu? Até que nós ficamos em 68, ficamos...

DN – Por que você escolheu Medicina?

BS – Eu escolhi Medicina, eu acho que já estava enraizado em mim, entendeu? Eu acho que foi assim “Não, eu vou fazer Medicina. Eu vou fazer o curso de Medicina.” Porque o meu irmão tinha feito Veterinária... Eu uma vez entrei na Faculdade de Direito ali, olhei assim, falei: “Olha, Direito seria bom, defender...” Porque a gente sempre tinha um ideal de quando se fazia um curso o que você iria fazer depois. Prestar assistência a alguém, né, a sua família... Eu falei: “Bom, eu fazendo Direito poderia defender as coisas da minha família, o direito das pessoas...” Mas eu falei: “Sabe de uma coisa? Eu acho que eu quero fazer Medicina mesmo. Eu vou demorar mais um pouco porque eu não tenho muita base, né? – porque eu não estive em bons colégios, né? – não tive muita base, mas eu vou passar. Uma hora eu vou passar no vestibular de Medicina.

DN – O que era ser médico pra você?

BS – Então ser médico pra mim, principalmente quando surgiu aquele filme da... aquele filme, aquele filme russo, aquele médico... que eu assisti...

DN – Dr. Jivago?

BS – Dr. Jivago! Então eu assistindo aquela lua que... por detrás daquela (??)...

DN – Aquele romance lindo...!

BS – Aquele romance lindo! Aquele doutor, entendeu, e tal... servindo à causa dele e tal... Aí eu falei: “Eu vou ser médico mesmo”.

DN – “Eu quero ser um dr. Jivago”. (*ri*)

BS – “Eu quero ser médico mesmo”, entende? Porque eu quero prestar, entendeu, eu quero trabalhar em hospital, quero prestar assistência às pessoas e tal... E quando surgiu aquilo, aí fui enraizado e eu então fui até (?) a faculdade, né?

DN – Aí você fez pela primeira vez o vestibular, esse vestibular de sessenta e...

BS – Não, eu tinha feito... eu fui pra o Rio em 65. 65, o ano todinho, eu fiz o Artigo 99, meados de 66 eu terminei então o curso correspondente ao Científico, né? Em 67 eu fiz a prova pra o Vestibular. Eu acho que em 66 eu já tinha feito pra experimentar, porque eu estava saindo, não passei. Em 67 eu fiz de novo.

DN – Porque aí você já tinha um ano de Curso Galotti.

BS – É, já tinha um ano. Daí em 68, eu fiz de novo, né? Estudando muito, estudando bastante e...

DN – Mas em 67 você fez o vestibular tendo feito o curso Galotti.

BS – Sim.

DN – Em 68 você fez o quê?

BS – Eu fiz...

DN – O Curso Galotti de novo?

BS – ...mais estudando à parte mesmo. Estudando nas bibliotecas, compreendeu? Ficava na biblioteca, estudava uma base de doze horas por dia, eu já sabia mais ou menos o que eu tinha que estudar e tal, sabe? Então em 68, foi aí que nós fizemos e nós ficamos...

DN – Como é que você soube o resultado?

BS – Pelos jornais, né? A gente naquela época acompanhava muito o Jornal dos Esportes, né? A gente acompanhava mais o Jornal dos Esportes, que trazia as provas da semana, essas coisas todas.

DN – Você estava em casa e leu o...

BS – Não, a gente lia na banca mesmo! (ri) A gente não tinha jornal em casa.

DN – Não esperava chegar...

BS – Não, a gente morava em república, né? Então a gente ia pra banca...

DN – Nem comprava o jornal...

BS – Não, nem comprava!

DN – Ia lá na banca.

BS – Na banca, ia lá de graça! E eu andava... eu fiquei num quarto ali da rua... ali perto da onde é essa faculdade...

DN – Bento Lisboa?

BS – Não, é da... Santo Amaro!

DN – Santo Amaro.

BS – Santo Amaro! A primeira rua assim, né? Da Santa Amaro eu ia a pé lá no Calabouço almoçar todo dia. Aí depois, quando foi em 67 mais ou menos, 68, seu José Dirceu com uma série de (??), uma série de outros colegas deles, eles tomaram o Calabouço.

Entendeu? Então falaram que iriam administrar o Calabouço. Que iria melhorar a comida, que a comida era uma porcaria, entendeu? E fizeram um outro restaurante ali perto da Academia de Medicina. Né? Bem em frente à Aeronáutica ali...

DN – Perto do aeroporto.

BS – É, perto do aeroporto ali também. Então (??) porque eles queriam construir um viaduto ali, então... o negócio entre os estudantes e o Ministério da Educação, e eles permitiram que fizessem o viaduto lá, mas tinham que dar o restaurante que eles é iriam administrar. Aí pior, foi um fracasso! A comida piorou! Foi um Deus nos acuda! Só sei que aí depois quando eu passei em 68, (?) estudante, eu fui morar até com um primo meu ali na Rua 2 de dezembro. Ele falou: “Não, fica aqui comigo.” Aí eu fiquei morando ali de graça até começar a faculdade. Aí eu fiquei morando ali no Flamengo mesmo até que eu estava sempre na faculdade, entendeu, ali, ajudando, né, participando...

DN – Você... você... com o resultado você viu que passou mas não tinha vaga.

BS – Não tinha vaga, é verdade.

DN – Aí o que é que você pensou?

BS – Não, eu falei: “É melhor esperar, né” Porque houve uma luz assim, né, no túnel, que a gente como excedente iria ser encaixado em qualquer lugar. Entendeu?

DN – Mas de onde saiu essa informação?

BS – Essa informação saía entre os estudantes ali, entre nós...

DN – Entre os excedentes mesmos.

BS – Entre os excedentes mesmo, né? Entre os excedentes mesmo. Tá? Então a gente já tinha aquela esperança que a gente já seria encaixado em qualquer faculdade ou então ia, de um outro modo a gente ia estudar Medicina. Que nós éramos aprovados! Só que quem tinha que dar conta desse recado era o Governo, né? Se não tinha a faculdade para nos encaixarem, tinha que se virar, entendeu? Pra nos recolher, pra nós estudarmos. E como a gente também já vinha de uns dois vestibulares antes, a gente já estava num cansaço, né? O estudante entra naquela depressão, aquele cansaço, aquela depressão porque se for estudar tudo de novo é mais difícil, né? Entendeu? Então, preferimos então nós esperarmos sermos encaixados numa outra faculdade.

DN – E você acreditou nisso.

BS – Eu acreditei nisso. Piamente acreditei nisso.

DN – E o que fez você acreditar nisso?

BS – Eu... olha, nem sei se foi, acho que politicamente, eu era apolítico, praticamente nessa época, não tinha muito conhecimento de política e eu acho que era uma coisa que existia dentro de mim, né? que falava “Não, você vai, toma, você vai ser encaixado...”, entendeu? “Eu vou ser encaixado”. Então fiquei naquela...

DN – E aí você ia lá na Medicina e Cirurgia saber se tinha alguma novidade?

BS – Nós íamos lá, nós íamos mais, depois começamos a ir lá mesmo na Rua do Catete, né? Porque aí foi foram se formando aquelas comissões, né?...

DN – Mas desde o começo você ia lá na Medicina e Cirurgia?

BS – Ia. Ia sim.

DN – Ia. E fazia o que lá?

BS – Nós ficávamos em contato com os outros estudantes, reuníamos lá e ficávamos, né, esperando até... alguma coisa ia ter de sair, né? A luz do fim do túnel ia sair, alguma luz, alguma coisa.

DN – Quem é que você identifica entre esses estudantes, quer dizer, entre os excedentes do vestibular, como as pessoas que efetivamente deram uma direção a essa meta de buscar a vaga?

BS – Não, o Chico Medina, né, o (*Guida?*), né? Essa turma toda que sempre estiveram ali à frente, sempre trazendo ofício do MEC, sempre esquentando os bancos lá do MEC pra falar com o ministro, falar com o secretário, falar sobre nós, sempre foi essa turma aí que eu conheci muito bem, né, sabe? Essa comissão toda. Você, Shirley, Medina, uma série de estudantes aí que faziam parte daquela comissão. O (*seu Popó?*), o seu... né, também.

DN – Você chegou a executar alguma tarefa nessa época?

BS – Não. Era só pegar a conta de luz. Era eu, (?)...

DN – Foi a única tarefa que você fez.

BS – Isso. Nós fomos também, aí chamaram a gente pra ir lá pra ajudar a Cruz Vermelha. Fui eu, (*Pagliarielli?*)... o Carlos, Carlinhos também foi... e a gente ficava trabalhando lá (*ri*) o dia inteiro, entendeu, separando...

DN – O que vocês faziam lá?

BS – Separando roupa pra dar pra as pessoas, separando, contando as coisas, fazendo, né, contando tudo: quanto que entrou, quantos pares de sapatos, quantos pares de tênis e tal... Eu fazia e separava. Chegava muita coisa! Remédios que chegavam também, a gente ia separando e tal... Então a gente trabalhava lá praticamente o dia inteiro, todo dia.

DN – Quem chamou vocês pra trabalhar lá?

BS – Eu acho que quem chamou o... o Pagliarelli falou: “Ó, você não quer fazer parte do pessoal aí que vai lá pra Cruz Vermelha?” Aí eu falei: “Quero”. Então fui eu, o Pagliarelli, foi o Carlinhos... Agora, quem... eu não lembro das pessoas lá da Cruz Vermelha. Assim, de nome assim não me lembro.

DN – Você não trabalhava.

BS – Eu não trabalhava, sempre estudei. Ah, se trabalhasse eu não teria entrado na Faculdade de Medicina!

DN – Nesses dois anos de espera pra iniciar a faculdade, você não trabalhou.

BS – Não trabalhei. Sempre estudando, sempre lendo, sempre também ali na...

DN – Você ficou estudando por conta própria.

BS – Isso. Mais lendo, fazendo um curso e outro, e tal, mas nunca assim esperando de fazer um novo vestibular, sempre na esperança de...

DN – Você sabe pra o que é que eram essas contas de luz?

BS – Aquela que ele escrevia, vendia aquela conta de luz. Ia arrecadar um dinheiro para a faculdade, né? Para a Faculdade ali na Rua do Catete. Entendeu? Era...

DN – A de Campo Grande? Com o Rogério (?).

BS – Não era dele, era na Rua do Catete. Eu só ouvia falar na Rua do Catete.

DN – Quer dizer, na verdade você passou a participar mais do Movimento quando já tinha a escola na Rua do Catete.

BS – Isso. Na Rua do Catete. Isso! É verdade.

DN – E aí você passou a ir pra Rua do catete.

BS – Isso!

DN – Aí a partir de um determinado momento as reuniões não eram mais no Diretório Acadêmico da Medicina e Cirurgia.

BS – Não, só na Rua do Catete.

DN – E lá na Rua do Catete, o que é que você tem assim... pra contar pra gente?

BS – Ó, lá na Rua do Catete...

DN – Qual é a sua lembrança?

BS – Na Rua do Catete era um casarão grande, né, bem velho, todo caindo aos pedaços e que precisava ser reformado. Eu me lembro que uma vez até eu fui, à noite, (??) até tarde, me falaram assim: “Não, você não quer vir à noite aí? Vem um pai-de-santo aí que vai receber um preto velho, vai falar alguma coisa também. Vai dar uma ajuda espiritual para começar logo a faculdade.” Né?

DN – Quem falou? Quem tomou essa iniciativa...?

BS – Olha, eu não me lembro quem que me convidou, quem tomou essa iniciativa, né? Não me lembro. E não me lembro também da pessoa que foi lá receber. Realmente eu estava lá presente, a pessoa recebeu o preto velho e tal, falou e conversou com vários alunos. Certos alunos que estavam lá no momento, saíram com medo... porque a gente era jovem (???)...

DN – E isso foi antes de a faculdade começar?]

BS – Bem antes. Antes de a faculdade começar. Foi antes. Isso aí foi uma ajuda espiritual para que a faculdade começasse o mais rápido possível, né? Tá? Então depois disso ainda houve, quando a gente começou tinha gente que via, né, tinha visões, via irmã-de-caridade lá andando, subindo escada, essas coisas todas. E eu nunca tive essa visão, esse privilégio de ver alguma coisa desse tipo, né?

DN – Então você acharia um privilégio isso?

BS – Eu acho um privilégio, sabe? Manter contato com o invisível, com outras pessoas, com outras coisas, né, que a gente não conhece... Eu acho que é um privilégio das pessoas. São pessoas privilegiadas.

DN – Lá na... quando já na Rua do Catete foi necessário várias tarefas tipo pra montar mesmo uma faculdade, né? Tipo: aprender a fazer lâmina, a cuidar do anatômico... isso mesmo. Tinha outras tarefas assim. Você fez alguma dessas? Não.

BS – Não essa aí foi a... isso aí eu nem fiquei sabendo que precisava de fazer isso. Infelizmente não fui convidado! (*risos*)

DN – Você não estava lá todo dia.

BS – Eu praticamente ia todo dia, mas eu, você sabe que na época, você sabe que eu sempre fui um cara que ficava sempre ali, era o último da fila, sempre ficava olhando, sentado, pesquisando...

DN – Você se sentia atraído. (*interrupção da gravação*)

### **Fita 1 - Lado B**

BS – Bom, então eu sempre fui assim de 3º escalão praticamente, né? Tinha o 1º escalão, 2º escalão... se for do 3º, se for do último, era do 3º escalão. (??)

DN – Saldanha, qual foi a sua emoção (??)...?

BS – Agora, nunca não porque eu queria ficar ali naquele 3º escalão, sempre porque o modo como eu fui criado, né, a alimentação... a minha quietude, sempre foi em relação a isso, né?

DN – O fato de você se sentir atraído, você não se jogava pra...

BS – É, justamente.

DN – ...assumir as tarefas...

BS – É, qualquer coisa assim.

DN – Qual foi a sua emoção com a aula inaugural?

BS – A aula inaugural foi coisa assim que a gente nem acreditava que estava acontecendo, né? Que tinha acontecido, que a gente ia realmente começar uma faculdade, né? A gente já estava numa mistura de cansaço daquela aula, daquilo tudo, daqueles momentos... tinha um cansaço!

DN – De tanta espera.

BS – De tanta espera, né? A gente não sabia, né? Mas foi... foi maravilhoso, né? Foi maravilhoso. E eu me lembro bem que a comissão sempre falava pra gente que ia atrás dos professores, professores da Universidade Federal do Rio de Janeiro, professores da Medicina e Cirurgia, que eram os candidatos para começar a faculdade, né? E que certos professores às vezes não tinham tempo disponível, mas tinha ótimos professores na Federal e também na Medicina e Cirurgia que queriam ser professor na Souza Marques, né? E esses professores então se dispuseram e até orientaram também, nós como estudantes, o pessoal da comissão, né, para a abertura da faculdade. Então isso aí tem um ponto valiosíssimo. Então muitos às vezes até já faleceram, mas teriam que ser homenageados porque realmente tiveram uma participação praticamente muito ativa na abertura da faculdade. Porque sem eles a gente não poderia começar uma faculdade, né? Porque você sabe muito bem que tinha que ser levado o nome dos professores que iriam...

DN – Tinha que ter o corpo-docente já formado.

BS – Tinha que ter o corpo-docente formado, né, pra que o Ministério, o MEC, realmente... o MEC realmente começasse, permitisse que a gente começasse, né? E eu me lembro muito bem que realmente o ministro Passarinho na época, era um dos nomes muito bem (?), ele era coronel na época e era um homem muito ativo e era um homem muito bom. E ele, realmente, ele fez muita coisa para que a Faculdade Souza Marques começasse, né?

DN – Naquela época você teve alguma reflexão sobre o que significava criar uma faculdade particular no sentido da privatização do ensino?

BS – Não, não tinha essa idéia. Nem tinha essa idéia porque...

DN – Isso não era uma preocupação.

BS – Não. Poderia até ser se eu soubesse, né? Mas a gente sabia que nós iríamos ganhar uma bolsa de estudo, né, nós como a primeira turma, com... realmente vinha desenvolvendo diversos trabalhos, trabalhos para a comissão pela faculdade, e acho que isso aí foi uma coisa que caiu do céu pra nós. Que hoje em dia pagar uma faculdade particular, não é qualquer aluno que pode pagar. Hoje você pode pagar para o seu filho,

eu posso pagar para a minha filha, mas na época a gente não poderia pagar. Porque uma Faculdade de Medicina é cara, o estudo é caro! Você tem que comprar livros, tem que comprar roupas, tem que ter horário, tem que ter boa alimentação pra você estudar, né? Você tem que... até pra você estudar você tem que ter boa alimentação pra você ter desenvolvimento, senão você não consegue aprender.

DN – Tem que desenvolver os neurônios, né?

BS – Tem que desenvolver os neurônios, tem que desenvolver o seu intelecto, né? Então você tem que ter proteína, aminoácido na cabeça porque senão você não consegue aprender, né? Agora, no começo foi duro pra todo mundo porque foi marcada assim de matéria, porque jogaram muito em cima da gente, né, Bioquímica, Biofísica... só via gente perdendo noite, estudando dia e noite, perdendo sábado e domingo, entendeu? Então no começo aquela matéria era difícil pra nós porque a gente não tinha conhecimento daquilo, né?

DN – Ainda mais que tinha ficado dois anos parados, né?

BS – Parados, né? Então a informação foi muito, né, a informação que se fornece dentro de uma faculdade é muito grande, né?

DN – Desde o início você pensou numa especialização?

BS – Não, não. Nunca tinha pensado.

DN – Como é que foi isso? Como é que foi o curso de medicina pra você?

BS – Eu acho o seguinte: no básico, né, no básico, praticamente, eu quase fui reprovado em Anatomia, né? O Estrada queria me reprovar. Acho que ele tinha marcado e quando eu ia pra fazer a prova com ele, eu só podia fazer a prova com ele. E então eu sentia que me dava um branco na hora e ele: “Qual é que é o nome desse músculo aqui da perna?” Eu não sabia nem qual era o nome do músculo! Tinha estudado, sabia pra aonde o músculo ia, pra aonde... e na hora eu não sabia falar nem o nome do músculo! Entendeu? Quer dizer, ele falava: “Não, vai embora”.

DN – Você ficava se sentindo perseguido?

BS – Eu acho que nem era perseguição. Eu acho que era assim um troço que a gente tinha, como estudante naquela época, a gente era acanhado também, né? A gente pra chegar perto do professor era difícil. Ele era o mestre, né? Hoje em dia não! O aluno bate nas costas do professor: “E aí, professor! Vai dar prova. O que é que vai cair aí, pô?!” Entendeu? Hoje é isso, tem uma intimidade muito grande, né? E depois... depois que eu me formei, fui fazer Anatomia. Hoje sou professor de Anatomia, já há mais de 25 anos, né?

DN – Quer dizer, durante a faculdade você não se...

BS – Na Faculdade Federal de Mato Grosso e na Federal do Rio de Janeiro. Que foram dois anos que eu fiquei.



DN – Mas na Faculdade de Mato Grosso você não se encaminhou pra nenhuma especialidade.

BS – Não, não. Aí o seguinte, aí quando chegou na época da Clínica, no 3º ano, você começa a ir lá pra o hospital pra fazer parto, né?

DN – Santa Casa.

BS – ...Obstetrícia. Não. Aí isso é estudo, isso é obrigatoriedade na faculdade. Mas você como pobre, você tem o quê?

DN – Iniciativa própria.

BS – Eu morava na Casa do Estudante, então tinha outros estudantes já mais adiantados, né? Então vamos tirar plantão lá. Por que é que ele levava a gente?

DN – Você tirava plantão lá na Baixada.

BS – É, eu fui pra Duque de Caxias, do 2º para o 3º ano. Não sabia nem... não tinha nem técnica cirúrgica, naquela época a gente não sabia nem dar um ponto. Mas você é levado pra isso por quê? Porque os outros estudantes são mais antigos, eles querem dormir à noite, entendeu? Então eles levam um (*magrinho?*) e fala: “Não, você fica aí e faz um parto. (*ri*) Se chegar alguém aí tendo filho, você vai lá e faz o parto pra você aprender.” Aí, conclusão: a gente todo entusiasmado, aí comecei a fazer parto no 2º pro 3º ano, e no 3º ano já era obstetra. Entendeu? No 4º ano, começo do 4º ano eu comprei um fusca pra mim, entendeu? Por quê? Aí comecei até a ganhar!

DN – O dinheiro que você ganhava nessas (?).

BS – É! O dinheiro nos estágios lá.

DN – E você atuava como médico.

BS – Não, eu atuava como estagiário.

DN – Estagiário.

BS – Como estagiário, né? Então fui estagiário. Então você começa a fazer essas clínicas que dão dinheiro...

DN – Aí você começou a fazer várias clínicas?

BS – Não, eu fiz só obstetrícia.

DN – Não, eu digo em vários lugares.

BS – Vários lugares. Você começa a tirar. “Tira, substitui um plantão aqui em tal lugar”. Você vai e substitui. Aí o colega te paga. Quer dizer, aquilo ali não tem condições, né? Entendeu? Então, aí no 4º ano e tal... (?) praticamente no último ano eu fui fazer cirurgia,

né? Porque quando você sai do internato, quando você entra pra o internato é que você decide, né?

DN – A área que você quer, né?

BS – A área que você quer.

DN – Você já faz o internato (?) trabalho.

BS – Eu, por exemplo, eu tenho um grande trauma hoje que a minha, o que eu queria ser mesmo era neurocirurgião. Uma coisa lindíssima, né, a parte de neuro, né? Eu dou aula de neuro, então eu acho lindíssima a parte de neuro. Mas eu não podia fazer neurocirurgia. Porque eu tinha que ganhar dinheiro, tinha que trabalhar! Tinha que trabalhar! E como obstetra eu ganhava dinheiro e eu já sabia fazer, né? Eu já fazia cesária muito bem, já fazia... entendeu, histerectomia, aprende a fazer rápido... perineoplastia, né, são cirurgias que... Aí quando eu cheguei pra fazer prova, que era no internato, quando eu fui lá fazer entrevista, o professor, o chefe lá, me perguntou várias perguntas sobre cirurgia ginecológica.

DN – Você tentou o internato pra onde? (??)

BS – Eu fui, internato, eu fui pra o Salgado Filho. Fiquei um ano no Salgado Filho. Era ali ao lado do Barata Ribeiro, perto da Mangueira. Aí depois de um ano é que foi pra o Méier. Aí quando foi pra o Méier, até me convidaram pra ir pra o Méier já como (*‘staff’*?). Já estávamos nos formando, né? Mas eu falei: “Não, eu vou pra residência, né? Não quero ser *‘staff’*. Na residência eu não vou ter tempo.” Aí eu fui...

DN – Mas lá você fez pronto-socorro ou (*GO?*)?

BS – Lá era pronto-socorro, eu fazia tudo, né?! Pronto-socorro. Lá no...

DN – Lá não era internato, né?

BS – Eu acho que na época não tinha GO lá. E eu já trabalhava lá em São João de Meriti como estagiário, né? Eu trabalhava na Clínica Santa Inês, entendeu? Em plantão de 24 horas. E...

DN – O pronto-socorro no 6º ano era a SUSEME, né, que chamava?

BS – Era SUSEME. Fiz SUSEME.

DN – Fazia concurso público...

BS – Isso, fiz concurso...

DN – ...pra ser acadêmico de pronto-socorro.

BS – Isso. Eu fiz...

DN – Além disso, o 6º ano era o internato, foi um serviço.

BS – Isso, eu fiz o internato e fiz a SUSEME. Fiz os dois.

DN – Você fez o internato onde? No mesmo lugar?

BS – No mesmo lugar. Não! Eu fiz na Santa Casa, na Santa Casa.

DN – Aonde?

BS – Que era no (*Sá Fortes?*).

DN – Sá Fortes era o quê?

BS – Cirurgia.

DN – Cirurgia.

BS – Cirurgia-geral.

DN – Não quis o (*Vinhais?*), não? Não era o Vinhais que era nosso professor...?

BS – Não, porque ali já estava preenchida a vaga. Ninguém queria o Sá Fortes, só queriam o Vinhais, né? Aí tinha mais vagas pra mim. Até teve um colega nosso que queria me levar lá pra o Vinhais e tal... Aí eu: “Não, fico aqui nessa parte mesmo.” Porque aqui a cirurgia era três vezes por semana, eu já trabalhava em vários lugares, então pra mim até era ótimo. E trabalhava também lá no Salgado Filho, era internato lá, fazia estágio lá. Então pra mim foi. Aí, quando eu comecei o internato, aí houve uma prova na Casa de Saúde Doutor Aloan, lá em São Cristóvão. Ali na Cancela, perto da Cancela de São Cristóvão. Eu fui fazer a prova...

DN – Dr. Aloan.

BS – Dr. Aloan. Passei em 4º lugar, porque lá era obstetrícia. Ginecologia-obstetrícia. Passei em 4º lugar. Marly fez, Marly fez até, se não me engana, ela não passou. Ela: “Por que você não me deu cola e tal?” (*ri*) Eu fiquei, ela ficou atrás de mim. Como é que eu ia fazer? Porque o cara ia me expulsar, né, e eu louco pra passar na prova, né? Baixei a cabeça, fiz a prova e passei em 4º lugar. Então fiquei na clínica Dr. Aloan estagiando, né, como estagiário... Fiquei no Salgado Filho, trabalhava em Nilópolis, então por isso que a gente não se via mais, não encontrava colega nenhum, né? Se via só dentro do hospital, né? Aí no final do ano fizemos prova pra residência, né? Passamos, eu e o Pagliarelli passamos até.

DN – Na cirurgia. (??)

BS – Passamos, passamos com uma boa nota. Aí eu até fui escolhido porque as opções na época eram: Ipanema, Hospital de Ipanema; depois vinha Bonsucesso; depois vinha Andaraí, que eram os melhores, os melhores hospitais em cirurgia, né? Aí eu, o entrevistador, na prova de entrevista, falou: “Você fez com quem a parte de cirurgia (*interna?*)?” Eu falei: “Eu fiz na Clínica Sá Fortes”. “Ah, (??). Mas que cirurgia que o senhor fez?” “Não, a gente faz muita cirurgia de tórax lá, conforme (??), acompanha o

fulano de tal em cirurgia ginecológica e tal...” “Como é que é o nome do ponto que se dá na cirurgia ginecológica pra ligar os (??)” Eu falei: “É tal nome.” “Você quer ficar em qual hospital? Você quer ficar no Hospital Geral de Bonsucesso, num hospital bom?” Eu falei: “Quero”. “Tá bom, você vai pra o Hospital Geral de Bonsucesso.” (ri) Até que eu fui, quando chegou o primeiro dia pra me apresentar lá no Hospital de Bonsucesso, me apresentei lá, o chefe lá, o (??), “Ué! (*O que você tá fazendo aqui?*)? (ri)” Porque era tudo, quem indicava, entendeu? “Eu não (?), eu fiz a prova, fui entrevistado e a minha colocação me permitiu que ele me mandasse pra cá”. “Então tá bom, fica aí”. Aí depois com o transcorrer, né, da residência, aí ele chegou um dia lá, falou: “Ó, quem vai ser o melhor residente daqui vai ser o Saldanha”. Eu fiquei até chateado. (ri) Cheio de cara lá, tudo filho de médico... (??)

DN – Tudo cheio de QI!

BS – Tudo cheio de QI: Quem Indica, e eu nem... O cara até se assustou comigo, falou: “Como é que o senhor veio parar aqui?” Eu falei: “Ó, foi prova, foi entrevista.”

DN – Você estudou muito durante o curso? Estudava muito?

BS – Trabalhava muito. Trabalhava muito. Muito prático. Sempre fui muito prático. Aprendi muito na prática, né? Porque no começo do curso você sabe que a gente não tinha dinheiro pra comprar livros, né? Eu não pude comprar livros de Anatomia, de Histologia, Fisiologia... Eu não podia, não tinha dinheiro. A gente estudava na biblioteca, estudava com os colegas, com os grupos, né? Depois veio, quando a gente foi pra o hospital, que foi o... era o meu (C?)-1, quer dizer, (?) aqui C-1 era (??), C-1 é a turma C-1... Tinha a 1, a 2...

DN – É, era a turma C-1º módulo. (*Que era turma C?*).

BS – É. Tinha C-2, C-3...

DN – É. C-3, C-4.

BS – O 1 eram quatro rapazes e quatro meninas que eram do meu grupo.

DN – Quem era o seu grupo?

BS – Meu grupo era: Fernando Luis Gonçalves – *in memoriam*, né, que faleceu já, né? – que puxava a turma, que ele pra assistir uma aula, ele fazia o resumo dos professores, tudo bonitinho no caderno... e ele, realmente, ele era o intelectual de nós todos. O Fernando Luis Gonçalves, que já faleceu – Que Deus o tenha em bom lugar – O outro era o Hélio Teixeira que quase, coitado, a gente teve de carregar o Hélio porque ele trabalhava, trabalhava numa venda lá porque ele já era casado, pra sustentar. Fazia venda de várias coisas. O que aparecia pra ele vender, ele vendia. Aí vinha o Carlos, o Carlos Alberto, também, né, lá de Piedade.

DN – Carlos Alberto de quê?

BS – Carlos (*Albino?*). O Carlinhos (*‘Baixola’?*).

DN – Ah, o Carlinhos! Ah, tá!

BS – Carlinhos Baixola. Né? Era de Mato Grosso também.

DN – Era do seu grupo.

BS – E estudávamos juntos. Então éramos nós quatro de homens. O Carlinhos, eu, o Luis Fernando e o Hélio. E das mulheres era: a Glória Maria – não sei nem que especialidade ela fez, não sei nem onde ela se encontra. Vê se aparece na festa – a Maria Célia, também que era uma portuguesinha... – você lembra da Maria Célia? Não? – a Maria Célia que era quietinha e tal, não sei aonde ela se fez, que especialidade fez... A Marly, parece que, eu mantive contato depois, ela fez obstetrícia, ela deve trabalhar no Fernando Magalhães, algum hospital desses de obstetrícia, ginecologia e obstetrícia, né? E a (Naila?) Rangel, né, que segundo o Fernando, que era nosso colega, falava: “A Naila é toda certinha. Toda bonitinha. Toda certinha.” A Naila Rangel que eu acho que fez clínica-médica. Então esse era o nosso grupo. E a gente às vezes pegava o carro e a gente ia estudar na Quinta da Boa Vista, a gente estudava sempre junto, ia a algum lugar, se reunia em algum lugar, sempre estudando junto. Né? E o que puxava mesmo a turma pra dar aula pra nós era o Fernando Luis Gonçalves. Chamava, era o famoso (*‘Piziu’*?). O apelido dele era *‘Piziu’*.

DN – Ah, o *‘Piziu’*!

BS – É, *‘Piziu’*. O apelido dele era *‘Piziu’*. Fernando *‘Piziu’*.

DN – Sem o apelido a gente não lembra quem é. (*ri*)

BS – É. Justamente. O Piziu, ele casou com a Gláucia, né, que era lá de Piedade, que o Carlinhos baixou (??), era perto da casa dele, né? A Gláucia, tiveram filhos, né?

DN – Você tem contatos com eles ainda?

BS – Não, não tenho. Não tenho porque depois que o Fernando faleceu eu perdi contato com essa família toda. E eu acho que deveria ser, inclusive, feito uma homenagem nessa festa às pessoas, né, ou esposa ou marido das pessoas que já faleceram, que não estão lá. Deveriam ser comunicadas, deveriam ser convidadas, né, para receberem... Essa pessoa, por exemplo: o Fernando *‘Piziu’*, receberia uma homenagem que seria dada pra Gláucia, né, que foi esposa dele, né? Apesar de ela, não sei se já está casada com outro e tudo, mas isso não quer dizer nada, né? Mas deveriam ser convidadas essas pessoas. Ser homenageados.

DN – Agora, Saldanha, você diz, quer dizer, você teve que batalhar bastante durante o curso de Medicina, né?...

BS – Sim.

DN – Trabalhou em várias clínicas... não pôde comprar os livros, ia para às bibliotecas estudar... Foi um aprendizado mais prático do que teórico...

BS – Prático. Mais prático do que teórico. Teórico só das aulas mesmo, (??)...

DN – Na hora de se formar, quando houve a formatura, como é que você se sentiu?

BS – Aquela alegria muito grande na formatura, né? A gente... Foi feita lá no Hotel Nacional, né, lá perto do morro da...

DN – São Conrado, né?

BS – É, em São Conrado, né? Perto do morro da Rocinha, tá? Ali era o morro da rocinha. Hoje acabaram com o Hotel Nacional, depredaram tudo. Mas a nossa festa foi belíssima, foi muito linda. E aquilo foi uma alegria muito grande, eu levei meus pais pra festa, né? Foi... aquilo era festa, né? Então eu me lembro que foi o Garrastazu Médici, que foi convidado pra ser homenageado, Garrastazu Médici. E ele foi...

DN – Ele foi?!

BS – Ele foi na festa, temos fotografia com ele! Não o... Garrastazu... foi o Garrastazu Médici...

DN – Foi o Médici o patrono.

BS – Foi o patrono, ele foi.

DN – O (*homenageado?*) foi o (*Vinhais?*).

BS – Isso.

DN – Você acha que foi legal o Médici como patrono?

BS – Foi, foi! Porque o seguinte: a... o militar, ele não interferiu na nossa formação. Ele não interferiu. Pelo contrário, ele ajudou! Ele, o militar naquela época, ele não impedia o crescimento, ele não gostava era de balbúrdia, ladroagem, confusão, entendeu? E nós éramos uma turma pacata porque nós só víamos o estudo. Só a criação da faculdade e o estudo da medicina. Lógico que se tinha alguém que tem pensamentos políticos, isso tinha que ser expressado pra fora, né? Fora de lá. Porque lá não tem nenhum convívio. Dentro de uma Faculdade de Medicina, né, você não pode expressar, ficar com um problema político, principalmente político que não era (*só política aqui mesmo aqui de fora?*). O estudante ele não pode ter essa preocupação. O estudante que realmente, às vezes, tem essa preocupação e que às vezes galga esse caminho e faz, e consegue se formar em Medicina e aí geralmente ele vai pra política, ele vai ser político, ele nunca vai ser médico. Ele não pode ser as duas coisas! Político é médico não pode ser. Ou você vai pra política ou você vai ser médico. Entendeu? Isso é totalmente diferente!

DN – Você acha que não combina: ser médico e político.

BS – Não combina! Na medicina você precisa estar em contato sempre, sempre estudando. Depois que eu me formei é que eu comecei a comprar livros, participar de congressos, estudar, dar aula, entendeu? Quando eu fui pra faculdade pra ser professor de Anatomia, então sempre atualizando, sempre atualizando. Em tudo, não só em Anatomia. Entendeu? Então sempre participando de congressos, simpósios e tal. Porque você não tem tempo, né?!

DN – Você acha que o Geraldo Alckmin é médico ou político?

BS – Ele é político! Ele é político. Ele não pode ser anestesista, ele não pode ser médico! Ele é político. Pra mim ele é político. Entendeu? Hoje em dia ele só pode fazer política. A não ser que ele abandone a política e vá reciclar em medicina pra ele ser anestesista. Porque hoje a anestesia cresceu muito também, né? Manter o paciente dormindo ali, ter o conhecimento de clínica, né, pra anestesiá-lo o paciente... tem que ter um conhecimento muito grande, a pessoa tem que se dedicar só àquilo, né? A pessoa que foi pra carreira política não pode fazer as duas coisas juntas. Não tem tempo, né, a pessoa não tem. Ou vai fazer uma porcaria numa ou vai fazer porcaria na outra. Não vai fazer uma coisa bem-feita.

DN – Mas você acha que é por causa do tempo ou é porque não combina uma coisa com a outra?

BS – Também não combina uma coisa com a outra porque são profissões totalmente diferentes. São totalmente diferentes! Medicina é um conhecimento científico, cuidar de paciente, cuidar de doença... Fazer um diagnóstico é a coisa mais difícil! Hoje em dia eu acho que 70% dos médicos fazem o exame médico baseado só nos sintomas. Primeiro você tem que fazer, né, o quê? Fazer um diagnóstico pra você poder fazer o tratamento correto. Você não pode ficar tratando só sintomas, (?) sintomáticos, né? E é o que muitos médicos fazem. Por exemplo, em postos de Saúde, então é tratar sintomas. E às vezes a pessoa chega lá: “Toma isso aqui e tal”. Se for uma dengue que passa rápido, mas e se for complicar aquilo?! A pessoa pode até morrer! Então se chegou com aqueles sintomas todos, tem que fazer um diagnóstico: é dengue? É Infecção das vias aéreas superiores? É uma virose simples? Entendeu? Tem que fazer uma diferenciação, senão o paciente vai sofrer com isso, né?

DN – Aí quando você se formou e começou a atuar efetivamente como profissional médico, você acha que correspondeu às suas expectativas de “ser médico”?

BS – Correspondeu! Correspondeu porque eu só fazia isso, né? E se fosse fazer outra profissão hoje em dia, eu vou fazer vestibular pra Medicina e vou fazer de novo Medicina, entendeu? Se daqui a 20 anos, 100 anos, eu vou voltar a fazer vestibular e quero fazer um vestibular tão bem feito, quero passar num dos melhores lugares, pra ser nas melhores faculdades de Medicina, eu gostaria de fazer Medicina outra vez. Sempre medicina. Eu tive bastante sorte quando eu fui, saí da residência médica, na residência médica fui convidado pelo médico lá pra permanecer no hospital pra fazer cirurgia plástica, pra continuar como residente ou então ganhar alguma posição de destaque, né? Mas eu... fui assim. Na clínica do Dr. Aloán, o dr. Aloán queria que eu ficasse lá com ele trabalhando a vida toda. Mas como o meu signo é de geminiano, eu nunca paro num determinado lugar. (ri) Estou sempre querendo mudar alguma coisa, mudar de lugar, mudar... entendeu? Sou assim... sem me ver assim parado. Sempre tô querendo fazer outra coisa, entendeu, diferente. Então, além da cirurgia-geral e do conhecimento obstétrico que eu adquiri em minha vida de estudante, aí quando eu cheguei aqui em Cuiabá...

DN – Não, mas lá no Rio ainda você assumiu uma disciplina de Anatomia?

BS – No Rio ainda. De Anatomia no Fundão. Fui convidado pra ser professor e...

DN – Você foi ser professor auxiliar...

BS – ...auxiliar de Ensino. Entrei e fiquei dois anos como auxiliar de ensino e quando ia pra assistente, já ia pra assistente, assistente 1, eu pedi demissão, nem falei com o meu chefe. Ele ficou muito zangado comigo (*ri*) porque de uma hora pra outra – eu sou assim intempestivo, né? – ele... eu peguei, fui lá, e pedi demissão sem falar com ele e tal. Aí só cheguei e falei: “Tchau, tô indo!” (*ri*) “Mas como é que você faz isso! (??) cabeça. Você não tem jeito não!” Eu falei: “Não, eu tô viajando semana que vem já pra Cuiabá...” entendeu? Aí pedi demissão.

DN – Você estava casado já, com família e tudo?

BS – Casado, com um filho de um ano, é. Com o Rodrigo.

DN – Aí resolveu voltar pra sua terra.

BS – Resolvi voltar pra Cuiabá, né? Resolvi voltar pra Cuiabá...

DN – Qual era a sua expectativa ao voltar...?

BS – Eu acho que era assim, uma cidade que estava crescendo, né? Eu nem sabia de muita coisa que estava ocorrendo em Cuiabá, mas eu sentia que Mato Grosso ia crescer, né, naquela época. Estava sentindo que havia algum crescimento. Então eu tive a sorte de ir para, chegando aqui, fui procurar a Santa Casa, né, com o presidente. Falei que era cuiabano. “Ah, conheço seu pai, conheço sua mãe...! Fala com o pessoal aí, conversa com os médicos. Faz um (?) com eles, vê se eles te recebem bem, mas você já pode participar aí (??)” Aí fui falar com os colegas, aí um colega: “Ah tem plantão aí. Você quer tirar?” Falei: “Quero!” “Então tira o plantão” Eu tirava plantão pra todo mundo no começo...

DN – Tudo que aparecesse.

BS – Fazia tudo que aparecesse. Se ficasse 24 horas, 36 horas, eu ia tirar. Aí eu falei com um colega meu que era diretor do IML, que estuda também no Rio, né, o dr. Edmar, ele falou: “Olha, fala com o deputado, né, e você entra aqui também como médico-legista.” Eu falei: “Ah, eu adoro a Medicina-Legal!” É a mesma coisa que anatomia: é cortar (???) ali, entendeu? Aí foi mexer comigo. Aí fui na Faculdade aqui, o coordenador era o (*De La Mônica?*). O De La Mônica: “Ah, você está vindo do Rio?” Falou assim...

DN – De La Mônica?

BS – É, De La Mônica. Ele falou assim: “Você não quer dar aula aqui de Anatomia? A gente encaixa você aí.” Eu: “Claro!” “Quero ver seu currículo.” “Meu currículo está todo prontinho aqui”. Eu só sei que eu cheguei em janeiro... fevereiro, março eu estava colocado na Santa Casa, estava colocado... dava o currículo estava indo lá pra o governo pra ser contratado... em dois, três meses eu fui contratado pela universidade. Aí como eu não podia mais porque a universidade ia ser de 40 horas, né, pra dar aula lá, pra coordenar lá, ele queria que eu já coordenasse e tal... E a faculdade estava começando, né? E o pessoal de medicina estava sentindo falta de um professor experiente. Tinha dois professores, mas não tinham experiência, né?



DN – Era Faculdade Federal? Universidade Federal?

BS – Faculdade Federal, Universidade Federal. E eu como já estava com dois anos de experiência na Universidade Federal do Rio de Janeiro, com uma bagagem muito boa, o De La Mônica: “Não, você já está aí, você coordena a Anatomia e tal...” Cheguei a ser chefe do departamento e tudo, mas eu não gosto da parte burocrática. “Você não pode me colocar aí, sentar um geminiano!” Ele falava: “Você vai ficar um ano aí, sentado, despachando papel.” Quando eu vi que era pra despachar papel, pegar papel, (*ri*) isso e aquilo... eu: “Sabe de uma coisa?” Passei um ano. Falei: “Olha, põe outro aí que como coordenador não serve.” Então eu nunca fui assim de assumir cargos e tal... Então hoje em dia, eu que sempre fui cirurgião na Santa Casa...

DN – Você abriu consultório também...

BS – É, eu trabalhava, na Santa Casa você sempre tem um consultóriozinho ali, né? Você fica nas horas vagas. (???)

DN – E aí no consultório você faz o quê? Clínica?

BS – Eu faço clínica, né? Clínica-geral e cirurgia-geral.

DN – Você faz clínica no consultório, faz cirurgia na Santa Casa...

BS – E Medicina do Trabalho, né, que eu fiz o curso lá quando era residente, né?

DN – Lá no Rio.

BS – Lá no Rio. Foi na Gama Filho. Que eu era R-1... – ou já estava na R-2? Não sei. – Só sei que um colega falou: “Está começando um curso de Medicina de Trabalho lá. Vamos fazer à noite e tal...?” “Fazer o quê? Eu estou fazendo cirurgia aqui...” “Não, vamos lá! A gente toma um café, você vê lá...” (???) Fui fazer o curso, aí gostei. Fiz, terminei o curso lá na Gama Filho. Era um ano de curso. Aí já vim pra Cuiabá com Medicina do Trabalho, né? Cirurgia-geral... Medicina do Trabalho...

DN – Já veio bem formado.

BS – Já vim bem formado. Eu acho que eu fui bem útil, né? A gente tem que procurar ser útil nessa vida, né, ajudar alguém... Pra comunidade ou pra sociedade. Eu acho que consegui fazer isso e continuo, ainda estou com o pique todo, né? Mas continuo trabalhando bastante, sou médico-legista ainda, né? Faço plantão de 24 horas. Quando eu vou pra o plantão não faço nenhuma outra atividade, fico no plantão 24 horas. E aí, nas horas vagas, vou pra o consultório. De manhã, de tarde e tal. Fazendo Medicina de Trabalho, fazendo Clínica-geral... fazendo Cirurgia-geral, chega um paciente pra operar... a gente interna, opera...

DN – Você está feliz?

BS – Estou felicíssimo. Eu tenho uma esposa muito bonita, uma carioca que eu trouxe pra cá. Ela, nós nos conhecemos no Hospital Geral de Bonsucesso, né? Eu já era residente, estava no internato lá nessa época...

DN – Ela é médica também?

BS – Ela é médica-pediatra. Ela fez internato lá no Hospital Geral de Bonsucesso. E passou pra residência e foi fazer ali no Hospital Geral do Andaraí. Aí já tínhamos casados, tivemos um filho lá, que é carioca, que é o Rodrigo, o mais velho é carioca. Viemos com um ano pra cá. Ela tinha terminado a residência, como ela não tinha muito campo aqui, né, também trouxe ela pra cá. Fui, apresentei ela no hospital, na Santa Casa aqui, né, na Pediatria... Até peguei uns colegas, né, cuiabanos, falou: “Ah, ela só vai entrar aqui porque é casada com um cuiabano senão não entrava não.” Então pra você ver como é o (??), né, o que é a cabeça das pessoas, né? Isso aí depois que me falou, né? Os caras de lá que falaram pra ela. “Ah, você só entrou aqui porque é casada com um cuiabano, senão, se você é carioca não entrava aqui não!” Que é isso?! Besteira, né?! bobagem. E ela serviu muito à Santa Casa, internou muito, tirou plantão... Hoje ela não quer internar, não quer mais... já está há mais 25 anos de profissão, né? Está com 25 anos. Não tem mais pique.

DN – Ela faz hospital.

BS – Ela passa visita no Pronto-Socorro, ela trabalha, tem um vínculo no estado e um vínculo no município. No município ela faz posto de Saúde. Então ela vai de manhã, passa a visita lá no Pronto-Socorro, que lá ela é uma das mais antigas, ela visita as crianças que estão internadas, faz a visita todos os dias, sábado, domingo... E depois de lá da visita, ela vai pra o posto, atende no posto, aí quando chega meio-dia já acabou tudo, vai pra casa dela porque ela é artista plástica também, gosta de pintar, gosta de fazer bijuteria, essas coisas, entendeu? E ela também fez essa opção porque ela não podia ficar muito tempo trabalhando porque ela também criou os filhos, né? (*interrupção da gravação*)

## Fita 2 - Lado A

DN – Sim... Aí você estava falando que ela aí teve de cuidar dos filhos, ela (??)...

BS – É, ela depois, agora já com uns seis anos pra cá, que ela começou a fazer mais, né? Foi pra curso de pintura e tal... Ela descobriu essa atividade dela, que ela gosta muito, né? Entalhe... E ela pinta muito bem, o pessoal gosta muito do trabalho dela, né?

DN – Ok, dr. Saldanha. Eu acho que era isso que a gente precisava. Essa contribuição sua foi fundamental pra essa história. E eu gostaria de saber se teria mais alguma coisa, que a gente possa ter esquecido, que você gostaria de deixar registrado...

BS – Não, eu acho que é só isso, né? Eu acho que você está fazendo um bom trabalho. Você está fazendo um sacrifício praticamente de vir lá do Rio de Janeiro em Cuiabá, pra encontrar esses colegas daqui, que é o Jesus, que é o Pagarelli que veio de Campo Grande até aqui, e que é o...

DN – O Waldir...

BS – O Waldir, o Waldir que veio de Rondonópolis até aqui. Nós estamos reunidos hoje aqui. Você é uma pessoa que, sempre eu vi, que você é uma pessoa batalhadora, estudiosa,

eu acho que você está indo num bom caminho também. Eu acho que você está fazendo um bom trabalho. Né? Eu congratulo e parabenizo você e todos aqueles, o pessoal que está trabalhando nessa, pra fazer esse empreendimento, né, de recordar e de colocar no papel, de não deixar morrer essa história que é cada um de nós, né, que ajudamos a construir uma história e estamos ajudando a construir essa nação. Então eu acho que você merece tudo de bom, tudo de espetacular.

DN – Obrigada. (*interrupção da fita*)